

DIVULGAÇÃO



Marjorie Estiano e Alexandre Nero interpretam o casal Sandra e Paulo

Dilema moral em família

Com direção de Pedro Waddington e Rebeca Diniz, o longa *Precisamos falar* põe à mesa até onde os pais vão pelos seus filhos

Mariana Reginato

Baseado no livro *O Jantar*, escrito pelo autor holandês Herman Koch, o novo filme brasileiro de Pedro Waddington e Rebeca Diniz coloca a moral em primeiro plano. Com Marjorie Estiano, Emílio de Mello, Hermila Guedes e Alexandre Nero, *Precisamos falar* relata dois casais que precisam lidar com um erro gravíssimo dos seus filhos adolescentes e que passam por cima da ética para proteger a família.

Marjorie Estiano interpreta Sandra, casada com Paulo (Alexandre Nero) e mãe de Michel. Pelas divergências entre um casal e outro, a atriz acha que o importante era não criar

estereótipos ou ridicularizar nenhum dos lados. “A ideia que a gente foi construindo era de realmente tentar equilibrar as ideologias, não ser um olhar progressista sobre um conservador, nem um olhar conservador sobre um grupo progressista. A nossa atenção era sempre de tentar equilibrar, buscar sutileza para que pudesse oferecer uma perspectiva, um debate honesta diante das ideologias e dos valores de cada um”, ressalta.

Emílio de Mello, que interpreta Celso, conta que, por ser pai de dois meninos adolescentes, o tema o interessava muito. “Qual é o percentual de controle que você tem da vida do seu filho adolescente? Eu acho que isso é uma questão que me interessa profundamente. O teu filho está dentro de casa, mas, ao mesmo tempo, ele está longe, e isso me interessou muito assim, esse ponto de vista do que é educação, o que é você proteger um filho”, destaca o ator.

Hermila Guedes, que interpreta Anna, esposa de Celso, acredita que ser mãe também a ajudou na hora de encontrar sua personagem. “A gente tenta educar os filhos com a nossa essência, mas talvez não seja o suficiente para que carreguem como processo de vida. Acho legal esse projeto que protagoniza a instituição da família como um lugar de muita discussão sobre o que a gente quer como sociedade. Eu tenho responsabilidade sobre as minhas filhas, mas elas são pessoas muito diferentes de mim, e graças a Deus”, comenta.

O livro holandês teve algumas adaptações cinematográficas, mas o longa de Pedro e Rebeca traz aspectos brasileiros para a obra. “O sistema de justiça é um elemento forte, o Estado é muito falho. A gente se sente inseguro em relação à precarização, à corrupção, à violência dentro da tutela do Estado. Entregar o seu filho para esse tutor empurra, constrange, amedronta”, reflete Marjorie.

DUAS PERGUNTAS PARA ALEXANDRE NERO

Como foi o primeiro contato de vocês com o projeto?

Bom, para mim chegou o Celso. O primeiro contato que eu tive foi eles me chamando para fazer o Celso. E lendo o roteiro, me interessei muito pelo Paulo. Falei: ‘Será que não dá para fazer o Paulo?’ Eles pensaram em mim no Celso por eu ter acabado de fazer um advogado numa novela, aquela coisa de terno, um cara mais certinho. E eu falei: ‘Gente, deixa eu tentar fazer o Paulo, queria fazer o Paulo, que é uma desconstrução da minha figura’. E eles toparam. Eu queria investigar o lugar desse cara terrível, gosto muito desses buracos psicológicos, psicanalíticos, dessas figuras o tanto mais distantes de mim — quer dizer, não tão distantes assim, todos os personagens estão muito próximos de qualquer pessoa, basta colocar uma lupa

Como vocês acham que foi representar essa nova geração, trazendo que, apesar de adolescentes, são seres humanos com lados bons e ruins? Como vocês acham que isso foi construído pelos personagens de vocês?

Então, eu acho que os filhos até certa idade realmente refletem em tudo que os pais fazem, mas os pais não se percebem muito disso, especialmente dos erros. Quando o filho faz algo legal, o pai fala que puxou dele; quando faz algo ruim, fala que é do outro. Meu filho mais velho tem 10 anos e, quando cobra os meus erros, eu me dou conta e vejo que meus filhos foram meus espelhos para eu perceber meus próprios erros. Tento melhorar como homem e como pai, pois sei que na adolescência eles vão negar o que aprenderam e buscar outras influências. O filme fala de meninos e de homens. Essa violência tem a ver com homens. Todos os atentados em escolas e essas violências têm em comum o fato de serem praticados por homens, não por mulheres. Isso tem a ver com essa disputa do universo masculino e machista, essa competição horrorosa que acaba sendo terrível inclusive para os próprios homens. Acho importante ressaltar como uma educação machista acaba nesse impasse.”